

A MAGIA DO CICLO DA ALFABETIZAÇÃO

Jenifer Speth¹

Natiele Mayer²

Maria Preis Welter³

Revista Saberes e Sabores Educacionais

ISSN 2359-263X

Vol. 7, 2020.

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI – UCEFF. jenifer_speth@hotmail.com

² Acadêmica do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI – UCEFF. natiagemayer@hotmail.com

³ Orientadora/Coordenadora do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI – UCEFF. pedagogia.itapiranga@uceff.edu.br

Revista Saberes e Sabores Educacionais

ISSN 2359-263X

Vol. 7 – 2020

Resumo

O seguinte artigo está relacionado ao Estágio Supervisionado III - Gestão e Docência no Ciclo de Alfabetização e Letramento, que teve como principal objetivo desenvolver a leitura, a escrita e a oralidade, proporcionando momentos lúdicos na aprendizagem referente os meios de comunicação. A sequência didática, foi a metodologia utilizada na mediação da prática do estágio, aplicando atividades lúdicas para atingir o objetivo. Como introdução da sequência didática, realizou-se a contação de história, a qual abordou o tema meios de comunicação. Para a realização das práxis docente utilizou-se um embasamento teórico, fundamentado em autores, o que contribuiu para a construção do conhecimento durante a prática docente. Dessa forma, percebe-se que o professor alfabetizador precisa manter o foco, pois a alfabetização será utilizada pelo aluno tanto para a vida escolar como social.

Palavras-chaves: Estágio Supervisionado; Educação; Alfabetização; Metodologia.

Abstract

The following article is related to Supervised Internship III - Management and Teaching in the Literacy Cycle, whose main objective was to develop reading, writing and speaking, providing playful moments in the learning related to the media. The didactic sequence was the methodology used to mediate the practice of the internship, applying playful activities to achieve the goal. As an introduction to the didactic sequence, storytelling was performed, which addressed the topic of media. For the realization of the teaching praxis, a theoretical basis was used, based on authors, which contributed to the construction of knowledge during the teaching practice. Thus, it is clear that the literacy teacher needs to stay focused, because the literacy the student will use for both school and social life.

Keywords: Supervised Internship; Education; Literacy; Methodology.

Introdução

O seguinte trabalho apresenta os conhecimentos construídos no processo de realização do Estágio Supervisionado III – Gestão e Docência no Ciclo de Alfabetização e Letramento, destacando a influência do ambiente para a alfabetização, rumo à novos saberes: sequências didáticas, a literatura infantil no processo de alfabetização e o desenvolvimento da matemática através do lúdico. Também aborda sobre a práxis pedagógica, relatando o aprendizado construído ao decorrer do estágio.

No primeiro tópico trata-se dos níveis de alfabetização, ao qual estão divididos em cinco níveis distintos, Hipótese Pré -Silábica, Intermediário, Hipótese Silábica, Hipótese silábico alfabético e Hipótese Alfabética.

Destaca-se que para um processo de aprendizagem significativo, necessita-se de um espaço apropriado para o nível das crianças, caracterizando-se um ambiente alfabetizador.

No próximo tópico ressalta-se o rumo à novos saberes: sequências didáticas, ao qual resume-se no uso da sequência didática, no que condiz a

proposta pedagógica sequencial, no qual as escolhas dos objetivos surgem através do tema, originando trabalhos ordenados e por meio do mesmo envolver diferentes conhecimentos e saberes, sempre mantendo o foco na harmonização entre componentes curriculares, ao qual atribui essência à noção de totalidade. Facilitando dessa maneira a compreensão dos alunos no período de alfabetização mediante os conteúdos repassados.

No terceiro tópico relata-se a literatura infantil no processo de alfabetização, no qual destaca-se a importância do uso da literatura no ciclo de alfabetização, desse modo, o professor torna-se mediador do conhecimento, auxiliando os alunos através da leitura. Para a criança, o momento da leitura é uma forma de pensar e viver valores e costumes de outras culturas que não seja sua, incentivando que ela construa um sentimento de curiosidade.

A matemática no lúdico, está ressaltada no quarto tópico, descrevendo metodologias diferenciadas/inovadoras e uma prática pedagógica estimuladora no processo aprendizagem do aluno, fazendo uso de jogos em sala de aula. Destaca-se que o mediador precisa basear-se na realidade de cada aluno, utilizando-se do seu cotidiano.

Para finalizar, destaca-se a práxis pedagógica, ressaltando as atividades realizadas durante a prática docente, realizada através do estágio supervisionado, qual aborda as conquistas e as dificuldades encontradas. Dessa forma, percebendo-se a importância da prática no nosso processo de aprendizagem, sendo assim, tornando-o significativo.

Ambiente apropriado para a alfabetização

Alfabetização, de acordo com Soares (2009, p.31), consiste na “ação de alfabetizar, de tornar ‘alfabeto’”. É através dos termos analfabeto e alfabetizar que abrange a palavra letramento. Esta palavra ainda não está totalmente dicionarizada, pois foi introduzida recentemente na língua portuguesa (SOARES, 2009).

No momento em que o indivíduo aprende a ler e escrever, essa ação o transforma, ou seja, o torna alfabetizado. Em função disto o conceito dado para

letramento é a decorrência do ato de “letrar-se” dando o sentido de “tornar-se letrado” (SOARES, 2009). Dessa forma, alfabetização é o entendimento de fonemas e grafemas, tornando-as sílabas, frases e textos. É aquisição de uma tecnologia, o sistema alfabético e ortográfico. Já o letramento é a prática social da leitura e escrita, desenvolvendo habilidades de uso da tecnologia da escrita (FERREIRO E TEBEROSKY, 1999).

Também Soares ressalta a diferença entre alfabetização e letramento, de alfabetizado e letrado, e ressalta a necessidade de ambas estarem complementando-se.

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita (SOARES, 2009, p.40).

Dessa maneira, ao decorrer de sua escrita, a autora sempre destaca que o ideal ao sujeito é possuir as duas ações ao seu processo, ou seja, alfabetizar letrando, ensinar a ler e escrever no âmbito de experiências sociais da leitura e escrita, tornando-o alfabetizado e letrado (SOARES, 2009). Entretanto, para que haja na escola um bom aproveitamento no quesito alfabetização e letramento, necessitamos de um espaço propício para a aprendizagem. Dessa maneira, “ambiente alfabetizador” configura-se em um ambiente semelhante em sala de aula, aos que as crianças vivem em seu dia a dia. Ou seja, um ambiente que traga tranquilidade, segurança e felicidade. Assim, contribuindo para a alfabetização das crianças (ARAÚJO, 2008).

Moreira (2007, p.56) afirma que “o ambiente de aprendizagem escolar é um lugar organizado para promover oportunidades de aprendizagem e que se constitui de forma única na medida em que é socialmente construído por alunos e professores a partir das interações [...]”. Dessa forma, enfatiza-se a

necessidade de tornar os ambientes em espaços atrativos, visando o desenvolvimento dos aspectos: psicomotor, cognitivo, social e afetivo.

Para Ferreiro (2004, p.33) a criação de um ambiente alfabetizador consiste em estruturar a sala de modo que

Em cada classe de alfabetização deve haver um “canto ou área da leitura” onde se encontrem não só livros bem editados e ilustrados, como qualquer tipo de material que contém a escrita (jornais, revistas, dicionários, folhetos, embalagens e rótulos comerciais, receitas, embalagens de medicamentos etc.) Quanto mais variado este material, mais adequado para realizar diversas atividades de exploração, classificação, busca de semelhanças e diferenças e para que o professor ao lê-los em voz alta, dê informações sobre “o que se pode esperar de um texto” em função de categorização de objeto que veicula. Insisto: a variedade de materiais não é só recomendável (melhor dizendo indispensável) no meio rural, mas em qualquer lugar onde se realize uma ação alfabetizadora.

Ao organizar o ambiente, a autora traz “canto ou área da leitura” implicando a construção de novas práticas pedagógicas, as quais contribuem para que as crianças possam interagir com esse objeto. Essa proposta torna-se estimuladora para o uso de diferentes tipos de textos (ARAÚJO, 2008).

A construção de ambientes alfabetizadores favoráveis à aprendizagem das crianças das classes populares, construídos a partir de diferença cultural, precisa tomar como base a relação – leitura de mundo/leitura da palavra –, procurando garantir que o processo de ensinar a ler e escrever se torne um espaço onde os que foram silenciados e não usufruem dos benefícios socioculturais produzidos pela sociedade em seu conjunto, possam “tomar a palavra” (ARAÚJO, 2008, p.150).

Ou seja, diversas leituras nos fazem refletir não em um ambiente alfabetizador exclusivo para todas as crianças, mas sim, um ambiente que reúna todas as leituras de mundo que as crianças constroem em sua rotina, expandindo-as e modificando-as (ARAÚJO, 2008). O recomendável são

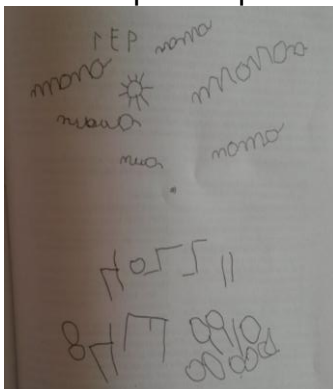
ambientes alfabetizadores, ao qual apoiem as diferentes vozes da sala de aula. Tais vozes que são de uma cultura híbrida, construída através de convívios nos espaços que as crianças vivem. “Vozes que se constroem e se reconstroem no cotidiano, dentro e fora da escola, no jogo fascinante da vida” (ARAÚJO, 2008, p.158).

Deste modo, ao trabalhar os aspectos acima citados, facilitamos o aprendizado dos alunos no ciclo da alfabetização e letramento, promovendo aprendizagens mais prazerosas nos níveis que as mesmas passam nessa fase. Esse processo ocorre ao longo de todo o desenvolvimento, desde o contexto familiar até o findar-se um ciclo de vida, pois estamos sempre em processo de alfabetização e letramento.

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999), as crianças passam por níveis diferentes ao apropriar-se do SEA (Sistema de Escrita Alfabética), separando-os em cinco níveis: Nível 1 – Hipótese Pré -Silábica, Nível 2 – Intermediário, Nível 3 – Hipótese Silábica, Nível 4 – Hipótese silábico alfabético e Nível 5 – Hipótese Alfabética.

No primeiro nível, Hipótese Pré-Silábica, a criança identifica a escrita através do grafismo, tendo como resposta linhas, curvas, ondulações. As escritas possuem semelhanças, mas para a criança há diferenças, pois a mesma interpreta sua escrita. “Escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica da mesma” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.193).

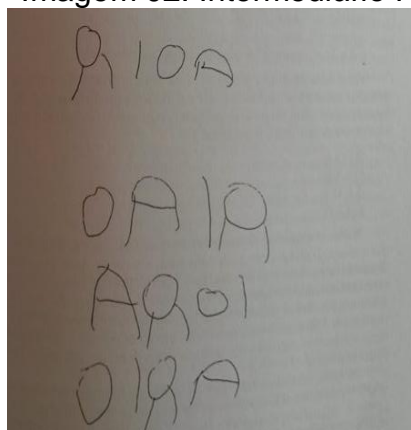
Imagem 01 – Hipótese pré – silábico.



Fonte: Ferreiro e Teberosky (1999, p.197).

Já no segundo nível, o intermediário I, a criança começa o processo de diferenciação do grafismo para definição das letras. Entretanto, as mesmas não possuem a noção de quantidade de letras para escrever algo. “Para poder ler coisas diferentes (isto é, atribuir significados diferentes), deve haver uma diferença objetiva nas escritas” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.202).

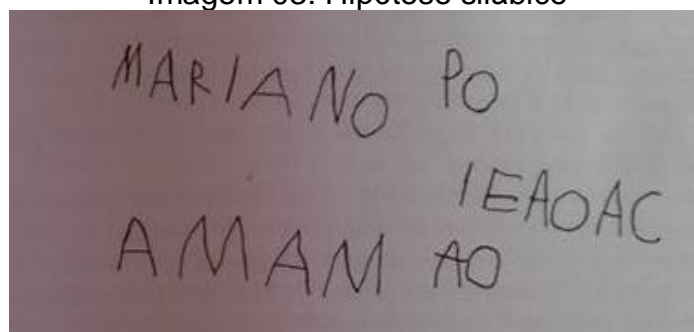
Imagem 02: Intermediário I



Fonte: Ferreiro e Teberosky (1999, p.203).

E o processo continua gradativamente, as crianças chegam ao terceiro nível, Hipótese Silábico, no qual as mesmas tem a mínima noção que cada letra vale por uma sílaba, desse modo dando um salto evolutivo em relação aos níveis anteriores. “Este nível está caracterizado pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.209).

Imagem 03: Hipótese silábico



Fonte: Ferreiro e Teberosky (1999, p.211).

O quarto nível, Hipótese silábico-alfabético, apresenta-se como uma transição entre o nível três e o nível cinco. Diante dos conflitos da teoria silábica, a criança descobre que o esquema de uma letra para cada sílaba não funciona, desse modo procura adicionar letras à escrita do nível anterior. De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999, p.214)

A criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá "mais além" da sílaba pelo conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de grafemas e o conflito entre as formas gráficas que o meio lhe propõe e a leitura dessas formas em termos de hipótese silábica.

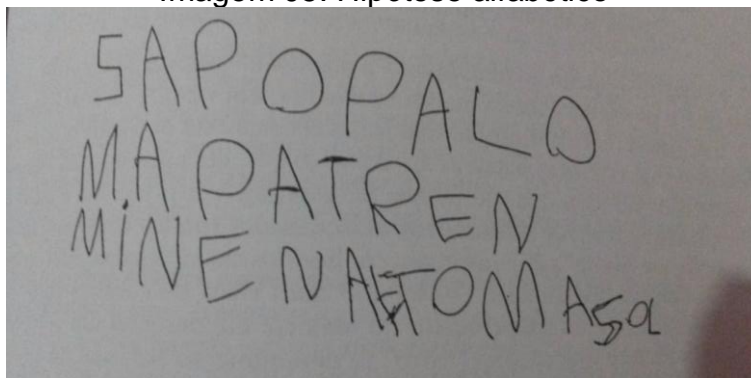
Imagem 04: Hipótese silábico alfabético

M	P	"o pe, vai em Ma/ri/a/pa, Paula". "María, o i, falta o i".
MAI	P	
MAI	PL	"Ma/ri/la i; Paula, o l".
MAI	LPU	
MAIL	PAU	"Ma/ri/a; este "ele" não se encontra aqui".
MAIA	PUL	"Ma/ri/a/Pa/u/ia ... o a, falta o a".
MIA	PUL	"Ma/ri/a ... não!
MAIA	PUL	"M/a/ri/a".
MM/AIA	PUL	"Ma/m/a/ri/a Pa/u/l ... l-a".
MAIA	PUL	

Fonte: Ferreiro e Teberosky (1999, p.215).

E o último nível, a Hipótese-Alfabética, a criança está no final do processo de alfabetização, considerando que a mesma venceu as barreiras do princípio de representação da linguagem escrita. "A partir desse momento, a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido estrito" (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.219).

Imagem 05: Hipótese alfabético



Fonte: Ferreiro e Teberosky (1999, p.219).

Ao destacar os aspectos descritos acima, compreendemos que o ciclo de alfabetização e letramento é um momento de transição, ao qual a criança passa a entender e compreender o mundo em que está inserida, através do mundo da leitura e da escrita, por um processo necessário de letramento, contato com o social que a cerca. Salienta-se que para um desenvolvimento adequado a esse ciclo, o ambiente deve ser acolhedor, afetivo e de amparo, com mediação de conhecimentos.

Rumo à novos saberes: sequências didáticas

Sequência didática resume-se em um trabalho pedagógico disposto de forma sequencial, construído pelo professor para trabalhar conteúdos ao tema proposto, uma brincadeira, gênero textual ou até expressão artística (PNAIC, 2012).

A sequência didática foi constituída no ano de 1996, na França, ao qual levou pesquisadores em uma tentativa na construção do ensino de línguas. De acordo com Machado e Cristovão (2006, p.554):

[...] a sequência didática é defendida como uma abordagem que unifica os estudos de discurso e a abordagem dos textos, implicando uma lógica de descompartmentalização dos conteúdos e das capacidades: elas deveriam englobar as práticas de escrita, de leitura e as práticas orais.

Diante dessa informação, percebe-se que a sequência didática era utilizada como um auxílio na leitura e escrita. As práticas eram utilizadas a partir de textos, buscando lógicas nos conteúdos e nas capacidades da mesma.

No decorrer do tempo utilizou-se a sequência didática para uma maneira de auxiliar os estudos dos alunos, dominando melhor o conteúdo e levando-o a falar e escrever de forma mais adequada, sendo atividades organizadas em torno de um gênero escrito ou oral (PNAIC, 2012).

Em uma sequência didática a escolha dos objetivos, através do tema, deve originar trabalhos ordenados e por meio do mesmo envolver diferentes conhecimentos e saberes, sempre mantendo o foco na harmonização entre componentes curriculares, ao qual dá essência à noção de totalidade (PNAIC, 2012).

De acordo com Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC):

No momento do planejamento das sequências, é preciso, ainda, levar em consideração outras dimensões como: o tempo destinado, as etapas de desenvolvimento, os tipos de atividades, as formas de organização dos alunos, os recursos didáticos para utilização, as formas de avaliação (2012, p.23).

Desse modo, ao planejar as atividades para a sequência, requer acompanhamento dos saberes alcançados, incluindo intencionalmente tarefas introdutórias, aperfeiçoamento, de sistematização, assim, trabalhando diferentes níveis do progresso (PNAIC, 2012).

Ao planejar cada etapa da sequência é necessário monitorar as etapas anteriores para se ter um maior direcionamento das atividades seguintes, possibilitando vivências diversificadas, sejam elas de organização dos alunos, dos tipos de atividades, a exemplo de leituras em voz alta, compartilhada ou silenciosa, ou atividades de produção textual em duplas, individualmente, coletiva (PNAIC, 2012).

O professor precisa explorar mesmos gêneros, porém os adequando para cada necessidade dos alunos, proporcionando uma aprendizagem em espiral. Ou seja, gêneros que possam ser trabalhados nos anos de escolaridade, assim, não findando as possibilidades de aprendizagem e reflexão (PNAIC, 2012).

Perante os argumentos mencionados acima, a sequência didática possui como principal característica um planejamento, ao qual se estrutura em vários componentes curriculares, tornando-se interdisciplinar, permitindo que o processo de aprendizagem seja eficiente (PNAIC, 2012).

Na sequência didática há componentes que são baseados na seguinte estrutura: Apresentação da situação (conhecimento prévio), produção inicial, módulos e produção final. No primeiro componente, o professor repassa uma tarefa de forma detalhada, que será atingida e prepara-os para o segundo componente, ao qual se refere a produção inicial. A mesma é desenvolvida de forma oral ou escrita, obtendo uma avaliação dos alunos, conforme o conhecimento do conteúdo proposto, dessa maneira percebe-se as necessidades que requerem ser desenvolvidas (PNAIC, 2012).

Os módulos referem-se ao planejamento das atividades desenvolvidas perante as necessidades que requerem atenção no processo de aprendizagem dos alunos, ao qual são detectados da produção inicial. Na produção final, o professor faz a avaliação diante uma atividade prática, ao qual o aluno demonstra os conhecimentos que desenvolveu através do planejamento. O professor perante a mesma percebe se alcançou as necessidades do aluno através da sequência didática (PNAIC, 2012).

A literatura infantil no processo de alfabetização

A percepção social da criança vem se desenvolvendo ao decorrer dos anos. Neste sentido, atualmente, considera-se a criança protagonista do seu desenvolvimento e na construção dos saberes. Nesse sentido, a mesma torna-se “o sujeito” no seu processo de aprendizagem (BARROS, 2013).

Diante do processo de aprendizagem da criança, a escola desempenha um papel de mediadora, ao qual cabe a ela estimular a busca e construção do

conhecimento, para que dessa forma o sujeito se torne crítico e reflexivo. Desse modo enfatiza a leitura crítica, interpretando assim os diferentes tipos da mesma, não a fazendo de um hábito constante unicamente na alfabetização e nos anos iniciais, mas utilizando-a diariamente em todo o período escolar (BARROS, 2013).

A leitura é uma ampliação do cotidiano, um fragmento considerável do conhecimento advém da leitura. Um aluno, se for um bom leitor, poderá ter um futuro melhor, mesmo não se sobressaindo bem em outros componentes curriculares (BARROS, 2013).

A leitura transporta o sujeito para uma viagem no mundo da imaginação, no qual também traz a vivência dos personagens. Dessa forma, o mesmo se encanta e se atrai pela leitura.

Ler, para mim, sempre significou abrir todas as comportas pra entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso! (ABRAMOVICH, 1997, p.14).

No ponto de vista de Abramovich, o contato da criança com a literatura é significativo na formação de leitores, no processo de conhecer, aprender e de construir novos significados; estes processos advém da leitura e escrita.

Para a criança, o momento da leitura é uma forma de pensar e viver valores e costumes de outras culturas, incentivando que as crianças construam um sentimento de curiosidade. Conforme Abramovich (1997, p.17) “[...] por meio das histórias a criança pode vivenciar diferentes emoções, sentindo profundamente o que as narrativas podem provocar no imaginário infantil”.

Através da prática de leitura, as crianças podem viajar em um mundo imaginário, diversificando seu vocabulário, assim, dialogando e questionando sobre a visão do autor. Diante disso, a criança desenvolve a fantasia, contribuindo muito para a arte, resultando em desenhos, pinturas e colagens.

A Literatura Infantil destaca-se pela importância no conhecimento de mundo que a criança possa adquirir, conhecendo a realidade e relacionando-as com suas experiências pessoais. A criança desenvolve o senso crítico [sic] quando, a partir de uma leitura, ela dialoga, questiona e concorda ou não com a visão do autor. Ela também desenvolve a arte através da fantasia e que alcança espaço ilimitado no seu imaginário, resultando em novos textos, pinturas, desenhos, colagens etc. A arte literária é importante por revelar uma visão de mundo, e permitir criar que o próprio mundo interagindo com ambos (BARROS, 2013, p.29).

A criança que lê, além de melhorar a escrita, desenvolve o senso crítico. O educador pode cativar os alunos, pois a literatura é algo bom, natural e prazeroso. A Literatura Infantil precisa ser agradável, a qual possibilite a ler e encantar-se, também permitindo que o leitor reflita, interaja e a sinta (BARROS, 2013).

Em suma, o incentivo da leitura, através da Literatura Infantil, torna esta prática mais significativa, desperta na criança um processo integral na sua compreensão. De tal forma, quando se trabalha conjuntamente a alfabetização e a literatura, seu potencial torna-se mais acessível e constitui sua expressão.

A matemática na alfabetização através do lúdico

Nos anos iniciais, a Matemática desenvolve o pensamento lógico, a agilidade na resolução de situações problemas do cotidiano, contribuindo para a construção de saberes em diversas áreas, servindo como base para anos posteriores. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais:

É importante, que a Matemática desempenhe, equilibrada e indissociavelmente, seu papel na formação de capacidades intelectuais, na estruturação do pensamento, na agilização do raciocínio dedutivo do aluno, na sua aplicação a problemas, situações da vida cotidiana e atividades do mundo do trabalho e no apoio à construção de conhecimentos em outras áreas curriculares (BRASIL, 1997, p.29).

A metodologia precisa proporcionar aos alunos novas descobertas, desse modo o professor faz-se mediador diante dos questionamentos, através destes, despertando o interesse pela Matemática. Assim, os alunos desenvolvem suas habilidades nos seus primeiros anos de escolarização, impulsionando a aprendizagem da disciplina, futuramente (ALVES, 2016).

O professor, para alcançar seu objetivo, pode fazer uso de jogos, metodologia inovadora e uma prática pedagógica estimuladora no processo de aprendizagem do aluno. O jogo lúdico torna-se uma alternativa eficaz, possibilitando a aprendizagem de forma prazerosa. De acordo com Rosada (2013, p.20) “Os objetivos dos jogos pedagógicos é impor aos alunos regras e limites para a construção e exploração dos conceitos matemáticos, criar um ambiente significativo para aprendizagem e construção dos conceitos matemáticos”.

Na alfabetização, os professores preparam as crianças a ler, escrever e contar, ensinando assim conceitos numéricos, os mesmos são bons para as crianças. Porém, é mais importante que elas consigam construir a estrutura mental do número. Se a criança construiu a estrutura mental terá facilidade em compreender os signos. Se não construiu, toda leitura, contagem e escrita será feita de forma decorada (KAMMI, 1990).

[...] Da mesma forma, contar é uma alegria para a maioria das crianças escolarizadas de 4 à 6 anos, e se as crianças querem aprender a contar não há porque lhes recusar este conhecimento. Contudo, o professor deve conhecer a diferença entre contar de memória e contar com significado numérico. Este último só pode ser proveniente da estrutura lógico-matemática construída pela criança em sua cabeça. Todos os signos falados e escritos no mundo representam apenas um conhecimento superficial [...] (KAMII, 1990, p. 40-41).

Portanto, é através do meio em que a criança está inserida que a mesma começa a interessar-se na resolução de problemas e na matemática em si, buscando construir novos conhecimentos. Dessa forma o professor precisa satisfazer a curiosidade das crianças, instigando-as a aprender.

Na prática docente percebeu-se que, no componente curricular Matemática, os alunos do primeiro ano do campo do estágio já estão evoluídos a ponto de não necessitar a utilização do concreto (material dourado). Através desse diagnóstico, notou-se o bom desempenho e dedicação da professora e, principalmente, a compreensão e o raciocínio lógico desenvolvido pelas crianças.

Análise da prática docente

O estágio docente supervisionado foi realizado com uma turma do primeiro ano, com a qual criou-se um vínculo de afeto, desde a observação. Percebeu-se que a turma em geral é bem desenvolvida nos aspectos da leitura e escrita, entretanto há alguns alunos que possuem dificuldade nesses aspectos. O estágio teve duração de duas semanas, uma de observação e outra de prática.

Ao finalizar a prática do estágio constatou-se que os objetivos propostos foram alcançados, porém alguns com dificuldade. A maior dificuldade enfrentada em relação aos objetivos foi a insuficiência que alguns alunos possuem no aprendizado. Também a dificuldade de acalmar as crianças no momento em que estavam demasiadamente agitadas, decorrente de algumas atividades propostas. É importante que ao planejar, nas atividades propostas, intercalar as “calmas e agitadas”, mediando de forma que os alunos possam manter o foco.

A partir da contação de história, uma proposta apresentada para iniciar nossa prática, foi bem desenvolvida, com suspenses e surpresa. Foi possível notar que as crianças gostaram da contação, pois mesmo com a teatralização da história, havia um momento em que houve participação coletiva, envolvendo a leitura dos mesmos.

Para a criança, o momento da leitura é uma forma de pensar, viver valores e costumes de outras culturas que não seja sua, incentivando que as crianças construam um sentimento de curiosidade. Conforme Abramovich (1997, p.17) “...por meio das histórias a criança pode vivenciar diferentes

emoções, sentindo profundamente o que as narrativas podem provocar no imaginário infantil”.

Sobre as atividades propostas, percebeu-se que todas foram significativas, exceto “contando com os meios”, pois as crianças estavam com o raciocínio lógico desenvolvido para realizar o que a atividade proporcionava.

Assim, ressalta-se que o planejamento se caracteriza pela organização das atividades cotidianas escolares. Dessa forma, o planejar “é um processo contínuo, dinâmico que requer dedicação, intencionalidade e atenção dos que dele participam” (BOAS, 2018, s.p). É importante considerar a realidade do contexto social, não as encarando como obstáculos na tomada de decisões, pois “planejar é projetar, lançar à frente, pensar as possibilidades” (BOAS, 2018, s.p).

O professor precisa explorar mesmos gêneros, porém os adequando para cada necessidade dos alunos, proporcionando uma aprendizagem em espiral. Ou seja, gêneros que possam ser trabalhados nos anos de escolaridade, assim, não findando as possibilidades de aprendizagem e reflexão (PNAIC, 2012).

Perante os argumentos mencionados acima, a sequência didática possui como principal característica um planejamento ao qual se estrutura em vários componentes curriculares, tornando-se interdisciplinar, permitindo que o processo de aprendizagem seja eficiente (PNAIC, 2012).

Diante da prática de mediação, notou-se que foi muito gratificante perceber o aprendizado, pois foi uma experiência inovadora atuar em uma turma inserida na alfabetização e letramento. Observou-se que a turma durante a prática do estágio estava envolvida e participativa em todo o planejamento, proporcionando uma boa interação entre professoras estagiárias e alunos.

Na presença do estágio, tanto de observação quanto da prática, percebeu-se que nos identificamos com a metodologia utilizada pela professora titular perante a turma.

Referente a avaliação da metodologia utilizada na prática docente, considera-se que a sequência didática planejada e desenvolvida no processo

de mediação, resultou positivamente no desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Conforme Boas (2018, p.s.):

A avaliação está presente em todos os momentos da sala de aula, devendo ser sistematizada no plano como orientadora de toda a prática; ela inicia, acompanha e finaliza o trabalho pedagógico. A avaliação praticada com intenção formativa promove reflexão contínua e coletiva sobre os processos vividos na aula e seus resultados, tendo sempre em vista os objetivos a serem atingidos. Os resultados da avaliação orientam a tomada de decisões e o replanejamento das ações pedagógicas, tendo sempre como foco a aprendizagem de todos os estudantes.

A avaliação é importante para o mediador, principalmente por ser uma forma do professor observar a evolução do aluno, percebendo se seus objetivos foram alcançados e se necessário rever seu planejamento.

Considerações Finais

Um professor alfabetizador tem grande importância no processo de aprendizagem do aluno, principalmente no primeiro ano, sendo fundamental estar disposto para atender as necessidades, pois através da alfabetização a criança entra em contato com o mundo letrado. A criança utilizará a escrita e a leitura tanto na vida escolar como social, estando cada vez mais em contato com o mundo letrado, e dessa forma o professor precisa dar seu máximo para que os alunos possam aprender e compreender esse processo.

Também se ressalta a diferença entre alfabetização e letramento, de alfabetizado e letrado, e a necessidade de ambas se complementarem. Dessa maneira, prepara o aluno para o âmbito de experiências sociais da leitura e escrita, tornando-o alfabetizado e letrado.

Ainda se destaca a importância da metodologia utilizada no processo de mediação, como sequência didática utilizada como um auxílio no processo de aprendizagem da leitura e escrita, bem como da ludicidade, promovendo aprendizagens mais prazerosas.

Em suma, considera-se o estágio supervisionado como uma grande oportunidade de aprendizado e crescimento pessoal e profissional.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ALVES, Luana Leal. **A importância da matemática nos anos iniciais**. < Disponível em: <file:///C:/Users/Otavio%20Speth/Downloads/A-IMPORT%C3%82NCIA-DA-MATEM%C3%81TICA-NOS-ANOS-INICIAS.pdf> > Acesso em: 27 out. 2018.

ARAÚJO, Mairce da Silva. **AMBIENTE ALFABETIZADOR: a sala de aula como entre-lugar de culturas**. In: GARCIAS, Regina Leite. Novos olhares sobre a alfabetização. São Paulo: Cortez, 2008. (p. 139 – 159).

BARROS, Paula Rúbia Peloso Duarte. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição da leitura**. São Paulo: Lins, 2013. Disponível em: < <http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56015.pdf> > Acesso em: 16/ago/2018

BOAS, Benigna Villas. **Avaliação: Interações com o trabalho pedagógico**. Editora Papyrus. Disponível em: < <https://bv4.digitalpages.com.br/#/edicao/epub/149578> > Acesso em: 15/nov/2018.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Disponível em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf > Acesso em: 23 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: matemática**. Brasília: Ministério da Educação, 1997.

BRASIL. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: planejando a alfabetização e dialogando com diferentes áreas do conhecimento: ano 02**. Unidade 06. Brasília: MEC, SEB, 2012.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 12. ed - São Paulo: Cortez, 2004.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

KAMII, Constance. **A criança e o número**. 11. ed.- Campinas-SP: Papirus, 1990.

MACHADO, Anna Rachel; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. **Linguagem em (Dis) curso** – LemD, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 547-573, set/dez. 2006.

MOREIRA, Adelson F. **Ambientes de Aprendizagem no Ensino de Ciência e Tecnologia**. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007. Notas de aula.

ROSADA, ADRIANE MICHELE COSTA. **A importância dos jogos na educação matemática no ensino fundamental**. Disponível em: < file:///C:/Users/Otavio%20Speth/Downloads/MD_EDUMTE_2014_2_1.pdf > Acesso em: 10 out. 2018.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

SOARES, Magda Becker e BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização e letramento**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.